

MOSCOVICH, Cíntia.
Arquitetura do arco-íris. Rio de
Janeiro: Record, 2004.

Lyslei Nascimento | UFMG

Em *Arquitetura do arco-íris*, Cíntia Moscovich, uma das mais importantes escritoras brasileiras da contemporaneidade, dá seqüência ao percurso literário iniciado com os livros *O reino das cebolas*, 1996; *Duas iguais*, 1998; e o quase assustador *Anotações durante o incêndio*, de 2000. Com o fino estilete da ironia, a autora desses novos contos arquiteta, em torno do universo feminino, narrativas que prendem o leitor numa espécie de labirinto narrativo, numa cartografia imaginária, em que, como não poderia deixar de ser, não há o fio confortador de Ariadne.

A cartografia e a dispersão (íntima e pessoal), além da deslizante condição feminina (de meninas, jovens e de nem tão jovens senhoras), são atravessadas não só por essa ironia cortante, mas por sua irmã gêmea: a melancolia. Essa estratégia da autora de tecer esses dois fios narrativos – à semelhança de uma Penélope ou de uma feiticeira como Circe – traduz-se, nos textos, como dois movimentos de tecer e destecer reminiscências de mulheres que sempre vêm nos dizer do insustentável peso de se estar costurada à vida e à escritura. Nesse sentido, a imagem do arco-íris, que poderia prometer ou remeter a uma calmaria possível após a tempestade, torna-se um reflexo multifacetado de um percurso sobre o abismo. Multicoloridas e sedutoras, as narrativas de Cíntia Moscovitch configuram-se, antes, como pontes que se sustentam em delicado equilíbrio sobre

a existência. Não há percurso que não se teça sobre o abismo, parece afirmar cada uma de suas histórias.

No conto “O telhado e o violinista”, exploram-se, por exemplo, as incontáveis possibilidades da manifestação do mal no universo infantil. Num desentendimento entre duas meninas, uma delas é vítima do conhecimento da diferença através do inolvidável insulto de “judia suja”. Esse aprendizado, que fere a personagem, anos depois, em reminiscência, equivale a ter consciência do preconceito e do anti-semitismo em terras brasileiras ao tentar ensinar à filha as estratégias de sobrevivência num mundo hostil.

A inquietante ambigüidade das relações amorosas em “Cartografia” e “Fantasia-improviso” delinea uma aproximação vibrante de Cíntia Moscovich com Clarice Lispector, principalmente no primeiro conto, quando a narradora, amargamente solitária, afirma, categórica: “Cada pessoa é uma harmonia de solidão”. Se a solidão contagia, é uma doença, em “Fantasia-improviso”, dois personagens se encontram no reino da música. A narradora, no texto, contempla um cego (que não masca chicles, mas come castanhas) e suas reflexões remontam a “cegos ilustres que haviam trocado o querido mundo das aparências por compensações exclusivas à esfera do invisível”. Essa esfera, ou reino invisível, dá-se, sobretudo, quando uma dor reconhecível amplifica-se ao limite do insuportável e para atravessá-la, o sujeito necessita de um momento mágico, epifânico, “uma bordadura impetuosa” em que, muitas vezes, as palavras são inúteis, mas imperativas.

Laços de família e caminhos que se bifurcam percorrem outros contos desentranhando, de histórias aparentemente simples, nós e amarras carregados de sofrimento e de dor. Personagens solitários, vazios, mergulham em relações imponderáveis. A filha e a mãe no conto “Os laços e os nós: os brancos e os azuis”; a bibliotecária de meia-idade e o professor de literatura em “O escândalo das estrelas na noite”; ou a belíssima narrativa do romance entre uma jovem jornalista e um velho tradutor de Borges, em “O tempo e a memória”, deixam vislumbrar uma galeria de personagens às voltas com os amores difíceis.

Aproximar-se dessas histórias pela leitura, antes de mais nada, é aprender que o desvelamento – do corpo, das memórias, do outro – não é impessoal e isento. Ao contrário, as histórias narradas nesse ilusório arco-íris ferem o desejo de acomodação ao explicitar, de forma lírica, delicada até, sentimentos de afasia, medo e incompreensão a que estamos sujeitos. Daí que a linguagem, construída de ironia e atada irremediavelmente à melancolia, transforma essas histórias de arco-íris em uma ponte entre a leveza e o pesadume da existência. Uma delicada e necessária ponte, em delicado equilíbrio sobre o abismo.